

EXPERIÊNCIAS SILENCIADAS E ENSINO DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE DE ANÚNCIOS DE VENDA DE ESCRAVIZADOS NO DIARIO DE PERNAMBUCO (1830–1850)

Aynoã Sales da Silva¹
Ismaelene Maria Souza dos Santos²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar anúncios de venda de pessoas escravizadas publicados no *Diario de Pernambuco*, entre 1830 e 1850, com o intuito de compreender aspectos das experiências, classificações e práticas comerciais ligadas à escravidão, bem como propor novas formas de utilização dessas fontes no ensino de história. Para tanto, foram selecionados e analisados qualitativamente alguns jornais disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, com ênfase nos anúncios referentes à comercialização de indivíduos escravizados. A metodologia adotada é de caráter documental, qualitativo e analítico, fundamentada nas contribuições teóricas de E. P. Thompson, especialmente na valorização da experiência dos sujeitos comuns e na noção de “costume em comum”, e de Tânia Regina de Lucca, no que se refere à leitura crítica de periódicos como fontes históricas. Os achados da pesquisa demonstram que os anúncios, embora produzidos a partir de uma lógica mercantil e senhorial, revelam indícios sobre a vida, os saberes e as subjetividades dos sujeitos escravizados, ainda que sob a lente da coisificação. Essas fontes permitem identificar pistas sobre idades, habilidades, procedências e condições físicas, bem como as estratégias de classificação e valoração impostas pelo regime escravista. Ao evidenciar essas experiências silenciadas por meio de uma fonte não oficial, propomos caminhos metodológicos para uma prática docente mais crítica, sensível às vozes subalternizadas e capaz de problematizar as relações de poder presentes na construção histórica. Assim, a análise desses periódicos contribui não apenas para a pesquisa acadêmica, mas também para o fortalecimento de abordagens pedagógicas que articulam passado e presente de forma plural e reflexiva.

Palavras-chave: Escravidão; Venda de escravizados; Periódicos; Ensino de História; Hemeroteca Digital.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar os jornais do *Diario de Pernambuco*, mais especificamente, os anúncios de vendas de escravizados coletados a cada período anual nos periódicos que circularam na província de Pernambuco, entre os anos de 1830 a 1850. Com a utilização da rica fonte que é o periódico, conseguimos perceber a estrutura do cotidiano da

¹ Mestranda no Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, salesaynoa@gmail.com, financiado pelo Carrefour Programa de Bolsas;

² Mestranda no Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, ismaelenesantos@gmail.com, financiado pelo Carrefour Programa de Bolsas.



urbe do Recife, entre suas ruas e vielas, em meio às discussões políticas, festejos, notificações e anúncios que eram escritos em suas páginas.

Os anúncios de vendas de escravizados nos revelam uma dinâmica do cotidiano das pessoas do século XIX em que conseguimos analisar o contexto da época. Utilizando os fundamentos de Edward Palmer Thompson, em *Costumes em Comum*, conseguimos perceber a dinâmica estabelecida por esses grupos a partir do periódico. Como costumavam publicar diariamente esses anúncios, o tempo e dinheiro investido nisso, a propaganda que usavam para conseguir vender seus bens. As táticas e fomentos que alguns senhores de engenhos utilizavam para a negociação desses corpos no contexto escravista dos oitocentos no Recife.

Os jornais, fonte historiográfica consolidada para se trabalhar o contexto social e o cotidiano das elites e indivíduos menos abastados, nos possibilita a análise não somente dos anúncios, mas também, de sua estrutura. Os comunicados sendo publicados a cada 3º e 4º páginas do jornal - *Diário de Pernambuco*, especificamente -, com a descrição de preços e endereço de compra, como também, constantemente ao lado de anúncios de escravizados fugidos e juntamente com, localizados nas mesmas colunas, vendas de barris, farinhas, terrenos de casas e espaços de tabernas, cavalos, móveis de jacarandá, feijões, farinhas para pão, colheres de sopas ou para chá, jóias, trazendo a imagética da coisificação da qual era a mentalidade no período destacado.

Não apenas, muitas escravizadas que eram colocadas à venda tinham como característica enfatizada nos anúncios, o trabalho de ganho. Pelas ruas e vielas, becos e pontes vendiam frutas, salgados, doces, seus serviços, o que pudessem para conseguirem dinheiro.

Com base nisso, grande parte dos trabalhadores das ruas eram compostas por essas mulheres e homens africanos e seus descendentes. Marcus Carvalho aponta que “o comércio e o setor de serviços urbanos empregavam um número expressivo de cativos em ocupações que exigiam a mobilidade do trabalhador” (2022, p. 174). Contudo, a presença de pessoas libertas e livres também se fazia notar nesse sistema de ganho. Assim, diversas práticas laborais desempenhadas por escravizados podiam ser observadas na manutenção do espaço urbano recifense do século XIX.

Reis nos explica que, na Bahia, os negros também transitavam pelas vias públicas em busca de seus trabalhos como oficiais mecânicos, pedreiros, ferreiros, tanoeiros, sapateiros, alfaiates, entre outros, enquanto as mulheres ocupavam amplas áreas urbanas atuando como ambulantes. Muitas escravizadas e escravizados dividiam o tempo de trabalho entre o espaço doméstico e o urbano: compravam alimentos em feiras e mercados, preparavam-nos nas cozinhas senhoriais e, posteriormente, retornavam às ruas para vender comidas prontas e outros produtos (2019, p. 13).

Grande parte desses indivíduos entregava uma fração do valor obtido ao senhor, guardava outra parte e permanecia nas áreas centrais, sem estar sob constante vigilância de seus proprietários, realizando a manutenção de trabalho e de suas redes de contatos, quando se tinha oportunidade. Dessa maneira, o ganho, entendido como uma ressignificação do espaço urbano, constituía-se em uma oportunidade de ampliar as estratégias rumo à liberdade, seja pela fuga ou pela economia de recursos para a compra da alforria, pelo exercício da mobilidade que essas ocupações permitiam, ou ainda pela fruição de breves momentos de lazer com o pouco dinheiro conquistado. Sob essa perspectiva, a liberdade é concebida como



um acúmulo de pequenas conquistas, que poderiam ou não ser alcançadas ao longo da vida do cativo, não sendo algo concedido, mas construído (Carvalho, 2022, p. 156).

Além disso, é necessário uma análise das nomenclaturas que poderiam aumentar o valor de escravizadas à venda dentro das páginas dos jornais, são algumas delas: “abundância de leite”, “boa saúde”, “sadia”. Outros apostavam na descrição da aparência: “bonita”, “bonita escravinha”, “de boa figura”, “linda mulatinha”, “coisinha” (Diário de Pernambuco, 1841, ed. 5, p. 4). Muitos dão ênfase no diminutivo, principalmente quando se tratavam de crianças, dos quais, em breve, estariam em fase reprodutiva. É perceptível a sexualização constante desses corpos que estavam inseridos dentro da estratégia de venda e com o intuito de atrair mais compradores (Nascimento, 2007, p. 80).

Além disso, o método de venda tentando manter os filhos junto a mãe, poderia diminuir a chance de fuga, bem como é possível visualizar que esses senhores se aproveitam pelo fato das crianças serem valorizadas devido o baixo custo, como também, o privilégio que poderia trazer tendo uma mão de obra que poderia vir a ser especializada (Gonçalves, 2025, p. 77).

Uma molata de idade de 24 annos, com uma cria, cozinha, cose, engomma e faz todo o mais serviço de uma casa, uma negra de idade de 22 annos, com duas crias de 3 a 7 annos de idade, cozinha o diario de uma casa, cose, engomma, e trata de crianças, outra dita de 20 annos com as mesmas habilidades, o motivo da venda he por seu Sr retirar-se para a europa; na rua nova D. 7 e 8 defronte do oitão da Matriz. (Diário de Pernambuco, 1841, ed. 110, p. 4).

Também conseguimos analisar outra perspectiva, como o processo de venda usado como castigo para escravizados fugidos e recuperados pelos seus senhores era bastante comum e utilizado. A fim de separá-los de suas famílias e desagregar do convívio social e de solidariedade dos mesmos, vendendo-os para outras cidades ou até províncias distantes como forma de punição e possível perda financeira - caso voltassem a fugir novamente. Entretanto, também poderia ser uma estratégia para os cativos. Caso surgisse a possibilidade de venda e publicação nos jornais para determinado indivíduo, existe a chance de se obter a oportunidade de conseguirem um senhor menos pior do que aquele que o estava comercializando. Toda fagulha de esperança poderia ser uma brecha para o processo de liberdade vir a ocorrer.

Dous escravos de nação, idade de 18 a 20 annos, optimos para palanquim, 4 ditos para o serviço de campo, 4 escravas com habilidades, uma dita optima lavadeira, uma linda molatinha de idade de 9 annos, e 4 moleques de lindas figuras; na rua de agoas verdes D.38. (Diário de Pernambuco, 1841, ed. 110, p. 4).

No trecho destacado não se percebe nome, feições ou características do escravizado, a não ser - evidentemente - as habilidades manuais, possibilidades de espaços de trabalho, sexo, idade e endereço de adesão de seu senhor. Com isso, percebemos o quão rica é a discussão a



partir das palavras intrínsecas que os jornais podem proporcionar enquanto fonte para estudarmos o século XIX.

METODOLOGIA

Entre 1830 e 1840, o Diário de Pernambuco consolidou-se como um dos principais periódicos em circulação no Império brasileiro. Fundado em 1825, tornou-se o mais antigo jornal em funcionamento contínuo do país e desempenhou papel fundamental na formação de uma cultura letrada e de opinião pública na província. Ao lado das notícias políticas e comerciais, o jornal veiculava anúncios de compra, venda e aluguel de pessoas escravizadas — registros cotidianos que naturalizavam a presença da escravidão nas páginas da imprensa.

Esses anúncios, redigidos em linguagem padronizada e inseridos em colunas destinadas ao comércio, constituem um corpus documental privilegiado para compreender como a escravidão se articulava à vida urbana e às redes de poder e sociabilidade no Nordeste oitocentista. Em um momento em que o tráfico atlântico começava a ser questionado pela Lei Feijó de 1831 — embora ainda amplamente praticado de forma ilegal —, o mercado interno de escravizados se intensificava, especialmente nas áreas de produção açucareira e nos centros urbanos.

O Diário de Pernambuco, nesse contexto, não era apenas um mediador de negócios, mas também um agente ativo na publicidade da escravidão, conceito formulado por Marcos de Carvalho (2011). Segundo o autor, a imprensa desempenhou um papel decisivo na legitimação simbólica do cativeiro ao difundir, em meio a anúncios de imóveis, fazendas e mercadorias, a comercialização de pessoas como parte da rotina social. Essa visibilidade pública conferia à escravidão uma aura de normalidade, reforçando seu caráter estrutural na economia e na mentalidade do período.

Assim, compreender os anúncios publicados entre 1830 e 1840 implica examinar tanto o contexto histórico quanto as formas discursivas que transformaram seres humanos em objetos de negociação. O estudo dessas fontes permite identificar as lógicas de poder, disciplinamento e valoração que perpassavam o sistema escravista, articulando-se com processos mais amplos de racionalização do trabalho e do tempo, conforme discutido por E. P. Thompson (1998) em seu clássico ensaio sobre a disciplina laboral no capitalismo industrial.

A década de 1830 foi um período de transição e instabilidade política no Império do Brasil. As Regências (1831–1840) representaram um momento de redefinição das relações entre o poder central e as províncias, marcado por revoltas regionais, debates sobre cidadania e crescente tensão em torno do tráfico de africanos. Em Pernambuco, a economia açucareira ainda era a principal base produtiva, sustentada pela exploração do trabalho escravizado.

Com a promulgação da Lei de 7 de novembro de 1831, que declarava livres os africanos desembarcados ilegalmente, esperava-se uma redução do tráfico transatlântico. Contudo, na prática, a lei foi amplamente descumprida. O resultado foi a intensificação do tráfico interno,



A leitura crítica desses textos transforma o anúncio de venda em evidência histórica complexa, que revela as engrenagens econômicas e simbólicas do sistema escravista e, simultaneamente, seus mecanismos de desumanização.



Analisar anúncios de venda de escravizados exige uma postura ética e metodológica cuidadosa. A pesquisa histórica, como lembra De Luca (2014), deve evitar a reiteração da violência simbólica contida na fonte. A leitura crítica precisa expor os mecanismos de desumanização sem repetir sua lógica.

Em contextos de ensino, esses documentos podem ser trabalhados de forma a provocar empatia histórica e reflexão crítica. A transcrição integral dos anúncios, seguida de perguntas orientadoras — “Quem é nomeado?”, “Quem é silenciado?”, “Que valores aparecem nesse texto?” —, ajuda a tornar visível a estrutura de poder que sustentava a escravidão. Essa prática pedagógica contribui para conectar a história à memória social, permitindo aos estudantes compreender que a desigualdade racial contemporânea tem raízes em processos históricos de objetificação e exclusão.

Além disso, o cruzamento entre história econômica, história social e história cultural — abordagens defendidas por autores como Thompson e Carvalho — demonstra a potência da interdisciplinaridade na análise histórica. O anúncio, embora breve, é um microcosmo que condensa práticas jurídicas, econômicas e afetivas, revelando as múltiplas dimensões do cativeiro.

REFERENCIAL TEÓRICO

O diálogo com E. P. Thompson (1998) permite ampliar a compreensão sobre os mecanismos de controle que perpassavam a escravidão. Em seu ensaio “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”, Thompson analisa como, na Inglaterra do século XVIII, a revolução industrial impôs uma nova relação entre o trabalhador e o tempo — uma disciplina que transformou o corpo em instrumento de produtividade.

No Brasil escravista, ainda que o contexto fosse distinto, a lógica de disciplinamento também estava presente. Os anúncios de 1830–1840 demonstram a importância atribuída à eficiência, à obediência e à capacidade laboral. Expressões como “acostumado ao trabalho”, “sem vícios” ou “pronto para o serviço” evidenciam a expectativa de um corpo moldado para o desempenho, cuja utilidade econômica dependia de sua submissão.

A escravidão, portanto, não era um sistema arcaico em relação à modernidade capitalista, mas parte integrante de sua formação. O controle do tempo e do corpo do escravizado expressava uma racionalidade produtiva semelhante àquela que Thompson identifica nas fábricas inglesas: uma lógica que valoriza a pontualidade, a constância e a vigilância. A diferença fundamental é que, no contexto brasileiro, o trabalho forçado e a racialização radicalizavam o processo de dominação.

Nesse sentido, os anúncios de venda tornam-se evidências de uma economia da disciplina, em que o corpo negro era simultaneamente mercadoria e máquina de trabalho. A leitura thompsoniana ajuda a compreender que o sistema escravista brasileiro foi também uma escola de modernidade — uma modernidade perversa, baseada na exploração e na objetificação.



As mulheres escravizadas aparecem com frequência nos anúncios analisados, geralmente associadas a tarefas domésticas: “amas de leite”, “cozinheiras”, “lavadeiras”, “costureiras”. Essa repetição não é casual. Como observa Marcos de Carvalho (2011), o mercado escravista urbano valorizava as mulheres pela sua função de cuidado e reprodução, articulando o corpo feminino a uma lógica de serviço e intimidade.

Essas descrições revelam a dupla exploração vivida pelas mulheres negras: como força de trabalho e como corpos sexualizados no interior da casa senhorial. A categoria “ama de leite”, por exemplo, remete a práticas de maternidade compulsória e de amamentação forçada — experiências que, como nota João José Reis (2008), deixaram marcas profundas na cultura da domesticidade e nas hierarquias afetivas do Brasil oitocentista.

Ao mesmo tempo, alguns anúncios trazem sinais de resistência: menções a fugas, a filhos “desaparecidos” ou a “pretas que se recusam ao serviço” indicam fissuras na disciplina escravista. Esses fragmentos demonstram que, mesmo submetidas à mercantilização extrema, as pessoas escravizadas negociavam, fugiam, reivindicavam e reconfiguravam laços sociais. A agência aparece, portanto, nas brechas do discurso senhorial — não como autonomia plena, mas como insistência da vida diante da coisificação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os anúncios de venda de pessoas escravizadas no Diário de Pernambuco entre 1830 e 1840 constituem um espelho de uma sociedade em que a escravidão era fundamento e linguagem. Sua análise, à luz de Marcos de Carvalho e E. P. Thompson, evidencia a complexidade das relações entre trabalho, disciplina e poder.

Esses textos revelam como a imprensa oitocentista foi espaço de legitimação e reprodução da violência, mas também como nela se insinuam rastros de vidas que resistiram à coisificação. A mercantilização do corpo negro, inscrita na letra do jornal, torna-se um testemunho involuntário da humanidade que o sistema tentava apagar.

Estudar e ensinar esses documentos é, portanto, um exercício de memória e de justiça histórica — um modo de reinscrever na narrativa nacional as vozes e trajetórias de quem, por séculos, foi silenciado.

Trazendo para o ensino o método que podemos utilizar em sala de enquanto junção do pesquisador e professor de História na educação básica, é analisarmos os anúncios a partir de uma leitura crítica e contextualização do recorte temporal e social da época, bem como os artífices em que eram estruturado o cotidiano dos indivíduos destacados na fonte. Desse modo, a aplicação dos periódicos problematizando-os, e não somente como visualização das informações presentes. Em virtude desses aspectos, percebe-se que a utilização da fonte como problema e não somente como ilustração, tem o objetivo de colocar o aluno como crítico do documento, fazendo-o como parte ativa da construção de seu conhecimento e edificando, em conjunto com o docente, um processo de ensino-aprendizagem significativo (Luz, 2019, p. 6).



Por outra perspectiva, conseguimos trabalhar e discutir, também, o silenciamento de informações que não estão visíveis nos anúncios; não apenas o contexto macro, mas em cada trecho que irá analisar. A partir dos fatos e das experiências silenciadas, conseguimos contribuir para uma prática de ensino de História efetiva, crítica e plural, que nos traz a possibilidade de conectar a realidade social do passado, com as possíveis permanências do presente, discutindo nas conjunturas em que estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos anúncios de venda de pessoas escravizadas publicados no Diário de Pernambuco entre os anos de 1830 e 1850 permitiu compreender de maneira aprofundada como a escravidão se articulava à dinâmica urbana, econômica e simbólica da província. As fontes revelam não apenas o funcionamento do mercado de cativos, mas também as práticas discursivas e os mecanismos de naturalização da violência e da coisificação de corpos negros. A partir de uma leitura crítica, orientada pelos aportes teóricos de E. P. Thompson e Tânia Regina de Luca, foi possível evidenciar que os periódicos atuavam como instrumentos de legitimação do regime escravista, reforçando uma “paisagem moral da escravidão impressa”, na qual a comercialização de seres humanos era tratada como rotina cotidiana.

Entretanto, esses mesmos anúncios — produzidos sob a lógica mercantil — guardam vestígios de experiências, subjetividades e resistências. As menções a idades, habilidades, filhos, doenças ou fugas revelam fragmentos da vida de pessoas que, embora silenciadas pela escrita senhorial, inscrevem-se na história pela brecha documental. Essa ambiguidade torna os anúncios fontes de extrema relevância, pois permitem compreender tanto o aparato de dominação quanto as formas de agência e sobrevivência dentro do sistema escravista.

Do ponto de vista pedagógico, a pesquisa demonstra o potencial dessas fontes para o ensino de História, especialmente quando utilizadas de maneira crítica e problematizadora. O uso dos periódicos como documentos históricos possibilita ao aluno reconhecer a historicidade das desigualdades raciais e refletir sobre as continuidades estruturais da violência e da exclusão. Mais do que apresentar dados, trata-se de provocar o exercício da empatia histórica e da consciência social, conectando passado e presente por meio da leitura de experiências silenciadas.

Conclui-se, portanto, que os anúncios do Diário de Pernambuco não são meros registros de transações comerciais, mas testemunhos involuntários de uma sociedade que fez da escravidão um elemento estruturante de sua economia e de sua cultura. Ao reinterpretar essas fontes sob uma perspectiva ética, crítica e interdisciplinar, reafirma-se o papel do historiador e do educador como mediadores da memória coletiva, comprometidos com a visibilização de sujeitos historicamente marginalizados e com a construção de uma narrativa plural e emancipatória da história brasileira.

Essa investigação reforça, ainda, a necessidade de novas pesquisas que ampliem o corpus documental e aprofundem o diálogo entre história social, imprensa e práticas educativas, de



modo a consolidar metodologias que aliem rigor científico, compromisso ético e transformação social.



REFERÊNCIA

Diario de Pernambuco, 1841, ed. 5, p. 4

Diario de Pernambuco, 1841, ed. 110, p. 4

CARVALHO, Marcos de. **A publicidade da escravidão: anúncios de fuga e venda de escravos na imprensa pernambucana (1822–1888)**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2011.

CARVALHO, Marcus J. M. de. **Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo no Recife, 1822 – 1850**. Recife: UFPE, 2022.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2003.

GONÇALVES, Raphaela Ferreira. **"A libertação do ventre dá às escravas uma certa elevação moral que as exaltará, e com razão... Prevejo conflitos": mulheres e seus projetos de emancipação em Pernambuco (1860-1871)**. Tese (Doutorado em História), Universidade de Federal de Pernambuco, Recife, 2025.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 111–153.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **Vida e esperança: o trabalho feminino na criação de bebês no Recife (1789-1831)**. Esboços (UFSC), v. 1, p. 75-89, 2007.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano: Escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

REIS, João José. **Ganhadores: A greve negra de 1857 na Bahia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

